

HVMANITAS

[Recensão a] LÓPEZ, A., POCIÑA, A., SILVA, M. F. (coords.) - De ayer a hoy: Influencias clásicas en la literatura

Autor(es): Várzeas, Marta

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27443>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_65_22

Accessed : 13-Nov-2015 09:03:33

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



humanitas

**Vol. LXV
2013**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

López, A., Pociña, A., Silva, M. F. (coords.), *De ayer a hoy. Influencias clásicas en la literatura*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos / Classica Digitalia. Humanitas Supplementum, 2012, 591 pp. ISBN: 978-989-721-037-2.

Este volume reúne sessenta e quatro dos setenta e dois trabalhos que foram apresentados no Congresso CLASTEA. Congreso Internacional sobre la pervivencia de los modelos clásicos en el teatro ibero-americano, español y portugués, realizado na Argentina, na cidade de Mar del Plata, entre 23 e 27 de Agosto de 2011. O encontro científico congregou estudiosos e investigadores de Filologia Clássica oriundos, na sua maioria, de Espanha, Portugal, Brasil e Argentina, mas também de Itália, França, Cuba, Porto Rico e Inglaterra. Os coordenadores do volume – Aurora López e Andrés Pociña, da Universidade de Granada, e Maria de Fátima Sousa e Silva, da Universidade de Coimbra – justificam a iniciativa do Congresso e a publicação destes estudos com a necessidade de responder ao “absurdo isolamento” (p. 9) em que têm trabalhado os classicistas de língua espanhola e portuguesa na Península Ibérica e aqueles que, com as mesmas línguas, o têm feito no outro lado do Atlântico. Trata-se, pois, de um projecto de aproximação e de colaboração científica que representa também um esforço de afirmação de duas das línguas mais faladas do mundo, mas cuja visibilidade no universo dos Estudos Clássicos não é ainda muito efectiva.

O tema escolhido para esta primeira iniciativa conjunta foi o da pervivência do mundo greco-latino no teatro moderno e contemporâneo. A ideia não podia ser mais auspiciosa, dado que a área da recepção dos clássicos em geral, e a sua incidência na criação dramática em particular, é uma das que, actualmente, mais tem mobilizado a investigação dos classicistas, revelando-se um ponto de partida suficientemente aglutinador para a realização de um encontro em que mais fácil e produtivamente se verificasse a unidade de interesses de tão diversificado leque de investigadores e se desse a conhecer aquilo que, em cada um dos países envolvidos, se tem feito.

Os trabalhos agora publicados abarcam vários autores e géneros literários da Antiguidade Clássica e as obras dramáticas de autores pertencentes a países dos dois lados do Atlântico, que vão desde o séc. XVI até ao presente. Esta enorme variedade tornava necessariamente muito difícil organizar o livro de forma coerente e consensual, pelo que os coordenadores decidiram apresentar os trabalhos pelo critério dos apelidos dos intervenientes, segundo uma ordenação alfabética. Esta é porventura a maior falha do volume,

porquanto, apesar da óbvia dificuldade de encontrar um óptimo critério de organização, algo se poderia ter feito no sentido de encontrar alguns pontos de contacto e de continuidade entre textos e agrupá-los de acordo com esses pontos convergentes. É o que tentarei fazer na apresentação, forçosamente breve, dos artigos, ordenando-os de acordo com a nacionalidade dos autores dos textos de chegada, ou seja, daqueles textos em que se analisa os modos de apropriação, revisitação ou apenas inspiração dos modelos clássicos.

Começarei pela literatura espanhola, a mais representada neste volume. Seguir-se-á a produção dramatúrgica argentina e a de outros países da América Latina de língua espanhola. Em seguida virá o Brasil e, por fim, Portugal. Um último conjunto de artigos, pouco numerosos, são os que se debruçam exclusivamente sobre obras da Antiguidade e ainda alguns outros, tematicamente mais dispersos, que não caberiam nos grupos anteriores.

No universo dos autores espanhóis, destacam-se, como é natural, dois dos dramaturgos do “Siglo de Oro”: Lope de Vega e Calderón de la Barca. Porém, o mais antigo autor tratado é Fernando de Rojas, num estudo que procura mostrar as semelhanças entre a ama do euripidiano *Hipólito* e a personagem Celestina da peça homónima de Rojas, de 1499 (Ana Cecilia Rivabén). Partindo desta peça, um outro artigo tece algumas considerações sobre o termo *tragicomédia*, presente no título de “Celestina”, e o seu uso na literatura espanhola do séc. XVI (María Dolores Rincón González). À dramaturgia de Lope de Vega são dedicados quatro estudos: um analisa a presença do mundo clássico em seis das suas comédias (Mayra Ortiz Rodríguez); outro debruça-se em particular sobre a peça “El Principe Perfecto” (Andréa Antunes); um terceiro mostra os vestígios de Valério Flaco em “El Vellochino de Oro” (Antonio Rio Torres-Murciano); o último procede à análise do tratamento do mito de Perseu e Andrómeda não apenas em Lope de Vega mas também em Pedro Calderón de la Barca (Remedios Higuera González). Na obra deste que é um dos expoentes máximos do teatro barroco espanhol centram-se textos como o que analisa a recriação do mito de Hércules em “Fieras afemina amor”, de acordo com os padrões cristãos (Eliane Demoraes); ou o que detecta em “El Gran Teatro del Mundo” a influência da filosofia de Séneca e a sua concepção da vida como comédia (Julio Juan Ruiz); ou o estudo sobre “Los hijos de la fortuna”, uma adaptação cénica das *Etiópicas* (Ofelia Salgadam); e, finalmente, a análise de “Céfalo e Prócris” no sentido de nela assinalar a inspiração colhida nas *Metamorfoses* de Ovídio (Marta Villarino, Graciela Fiadino). A uma outra autora do séc. XVII, Sor Juana Inés de la Cruz, é dedicado um trabalho sobre a releitura

do mito do labirinto na peça “Amor es más labirinto” (Mónica G. Paladino). Os restantes artigos abordam as obras de autores do séc. XX e XXI, como Halma Angélico, pseudónimo de María Francisca Clar Margarit, e a sua peça “La nieta de Fedra” que parece ter alguns pontos de contacto com a “Fedra” de Unamuno e “La malquerida” de Benavente (Aurora López); Miguel de Unamuno e a sua recriação da personagem de Fedra, claramente marcada pelos valores cristãos (Patricia Zapata); Federico García Lorca, cuja obra “El público” é analisada no sentido de se verificar as suas afinidades com as ideias platónicas expostas em diálogos como o *Banquete* e o *Fedro* (Concepción López Rodríguez); María Zambrano cujo profundo débito à tragédia grega está bem patente em “La Tumba de Antígona”, sobretudo no que diz respeito ao tratamento do binómio destino/liberdade, e ao valor da compaixão, sentimento que faz parte da experiência do trágico, tal como nos foi transmitida pelos antigos (Alfonso Lázaro Paniagua); Alfonso Sastre a propósito de uma peça sua sobre o tema do Anfitrião (Viviana M. Diez). Ao teatro do dramaturgo galego contemporâneo Manuel Lourenzo são dedicados três estudos: um analisa o tratamento de personagens clássicas como Édipo, Antígona e Nausícaa em quatro peças suas (María Pilar García Negro); outro centra-se na relação de dependência da sua peça “Liturgia de Tebas” relativamente ao Sofocliano *Rei Édipo*; a terceira debruça-se sobre um tema recorrente na obra deste autor, tema que ele tratou em nada menos que quatro peças – o de Fedra e Hipólito (Andrés Pociña). Ainda dentro da produção contemporânea se inserem os dois últimos autores: Elena Soriano e a sua obra “Medea”, uma revisitação deste mito não sob forma dramática mas sob a forma de um romance parodiado (María Silvina Delbueno); e Luís Riaza, um dramaturgo interessado sobretudo na ruptura com os modelos, ou numa reinterpretação subversiva que parte da sua própria realidade histórica e social: é o que acontece na peça “Medea es un buen chico” (Hernán Ocantos) e em “Antígona ... cerda!” (Ezequiel Gustavo Rivas).

É nos séculos XX e XXI que se concentram os trabalhos sobre a recepção dos clássicos na produção dramática na Argentina. E não é de estranhar que os textos antigos que mais interpelam os modernos dramaturgos argentinos sejam aqueles que são passíveis de uma leitura política, social, ou relativa à questão dos direitos das mulheres, entre outras. Assim se apresenta o trabalho sobre a *Odiseia* de César Brie (Alicia Maria Atienza); os que se dedicam a obras do dramaturgo Mauricio Kartun, como “Salto al cielo”, uma adaptação não ortodoxa de *As Aves* de Aristófanes (Milena Escalada); analisada também em outro estudo como uma reflexão metateatral (Emiliano Buis); a revisitação

do mito de Antígona por Giselda Gambaro (María Victoria Coce), Jorge Huertas (Susana Scabuzzo), Gustavo Casanova (María Cristina Silventi) e outros dramaturgos actuais (Lidia Gambon); a influência da poética trágica em Armando Discépolo, o maior representante do *grotesco criollo*, um dos géneros teatrais típicos da tradição argentina (Pablo Moro Rodríguez); uma tradução do *Miles Gloriosus* para a cena (Aldo Pricco); a reescrita do mito de Orfeu por Alejandro Tantanian (Marcela Inés Coll); a releitura do mito de Polifemo numa peça de Horacio Rega Molina (Alfredo Eduardo Frascchini); e as novíssimas experiências dramáticas do jovem Roberto Sayar (Pablo Cavallero). Encontra-se ainda uma breve reflexão e algumas sugestões sobre a tradução de comédias de Terêncio para a cena (Marcela Suárez; Rómulo Adrán; Mariana Breijo; Violeta Palacios; Romina Vasquez).

Continuando pelas recriações dramáticas de temas clássicos em países da América Latina de língua espanhola, destacam-se dois textos sobre autores cubanos: um acerca da influência do teatro clássico na obra de Alejo Carpentier (Inmaculada López Calahorro); o outro sobre o tratamento muito recente do mito de Antígona por Reinaldo Montero e Yerandi Fleites (Elina Miranda Cancela). Uma abordagem política do mito de Antígona se encontra também num dramaturgo de Porto Rico, Luis Rafael Sánchez (José Luis Ramos Escobar). Refiro, por fim, o artigo sobre mitos de rebelião filial em dramaturgos hispano-americanos como Virgilio Piñera, Julio Cortazar, Benjamin Galemiri e Alejandro Tantanian (Stéphanie Urdician).

No campo da dramaturgia brasileira o interesse reparte-se sobretudo por temas e personagens da comédia e da tragédia antigas. Assim temos os trabalhos centrados em peças de Ariano Suassuna, nos quais se sublinham as influências da comédia plautina, nomeadamente em “O Santo e a Porca”, uma releitura da *Aulularia* (Tereza Virgínia Barbosa); o “Auto da Compadecida” (Vanessa Ribeiro Brandão); e, além destas, ainda “O casamento suspeito”, onde se faz a análise do uso do “quid pro quo”, recurso muito utilizado por Plauto (Tereza Pereira do Carmo). Ecos do plautino *Anfitrião* se fazem notar igualmente numa peça de Guilherme de Figueiredo (Carlos E. Gomes). Dentro de um registo mais trágico, é analisado o tratamento moderno do mito de Orfeu por Vinicius de Moraes, quer no sentido de perceber o débito do poeta aos modelos clássicos (Maria José Pérez), quer no de sublinhar as relações que Vinicius estabelece entre este mito que fala do poder da música e o Carnaval brasileiro (Ana L. Souza Ribeiro). Do polémico dramaturgo Nelson Rodrigues se analisa a peça *Anjo Negro*, considerada uma adaptação de *Medeia* de Eurípides (Sônia Aparecida dos

Anjos). A peça “As Confrarias” do dramaturgo Jorge Andrade é abordada sob o ponto de vista da sua relação dialógica com *Antígona* de Sófocles (Andréia Caravello Martins). De revitalização poético-musical do texto euripídiano se fala a propósito de “Gota d’ Água”, de Chico Buarque e Paulo Pontes, peça que se serve do modelo dramático de *Medeia* de Eurípides para dar forma a uma acção inspirada em factos reais (Luisa H. Figueiredo Peixoto). Na peça de Jacyntho Lins Brandão, “Que Venha a Senhora Dona” assinalam-se as relações com *Alceste*, de Eurípides, e com o teatro do absurdo (Ana C. Fonseca dos Santos). Forma dramática foi dada igualmente aos *Diálogos dos Mortos*, de Luciano, pelo grupo brasileiro Giz-en-scène (Matías Sebastián Fernández Robbio).

O grupo dos artigos sobre autores portugueses é mais reduzido, mas inclui obras de épocas muito distintas. O autor mais antigo pertence ao séc. XVIII. Trata-se de Francisco Dias Gomes, e dele se analisa a tragédia “Electra”, uma adaptação a partir do modelo de Sófocles (Maria Fernanda Brasete). A obra de António José da Silva, o Judeu, surge nas produções de João Paulo Seara Cardoso, fundador do Teatro de Marionetas do Porto (Susana Maria Marques). Uma leitura política do mito de Antígona é a que assiste a recriação de António Sérgio que surge comparada com a do espanhol Salvador Espriu (Carlos Morais). Um outro artigo reflecte sobre algumas das dificuldades dramáticas que o tratamento cénico do Coro do *Hipólito* de Eurípides levantou ao grupo de teatro universitário *Thiasos*, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Ana Seíça Carvalho). O último estudo centra-se numa autora contemporânea, Eduarda Dionísio, e na sua recriação do mito de Medeia em “Antes que a noite venha” (Maria de Fátima Sousa e Silva).

Refiro agora alguns estudos sobre recepção em autores de outros países. Um debruça-se sobre o romance “Morte em Veneza”, do alemão Thomas Mann, nele vendo a presença arquetípica de *As Bacantes* de Eurípides (Ana Maria Belardinelli); noutro se verificam as relações entre Sófocles e o teatro do dramaturgo francês Antonin Artaud (Jorge Mallearel); uma versão árabe do mito de Fedra é apresentada num estudo que a compara com os modelos grego e latino (Celia del Moral).

Para além destes trabalhos que se inserem na área da recepção dos clássicos, outros há que se dedicam a estudar determinados temas ou peças antigas. Muito significativo do interesse e actualidade das questões levantadas pelo mito de Dioniso é o facto de que quase todos estes trabalhos tratam, sob distintas perspectivas, a peça de Eurípides, *As Bacantes*. Assim, o artigo

que propõe pensar a relação entre as bacantes e a categoria do espaço (María Cecilia Colombani); outro que analisa a animalização das personagens femininas (Cecilia Josefina Perczyk); um terceiro adopta o ponto de vista contrário, procurando sublinhar a animalização do masculino, através da figura de Penteu (Elsa Rodríguez Cidre); numa outra perspectiva *As Bacantes* surgem como uma ópera pós-moderna (Giovanni Greco). Interesse semelhante pelas questões do masculino e do feminino se encontram no estudo sobre os discursos das mulheres no *Agamémnon* de Séneca (Carmen Arias Abellán).

Como balanço final, podemos dizer o que de antemão já sabíamos: que toda esta grande variedade de textos e perspectivas é um inequívoco sinal da perenidade dos textos da tradição clássica e da sua riquíssima capacidade de se adaptarem aos problemas, anseios e inquietações das sucessivas gerações que os lêem e revisitam. Mas este volume é ainda um importante testemunho da vitalidade dos Estudos Clássicos, no velho como no novo mundo, e das vantagens da aproximação entre países tão diversos e tão distantes entre si, mas cujas línguas podem constituir pontes de entendimento, quer no plano da investigação em parceria, quer no da divulgação dos trabalhos que se vão produzindo e que, de outro forma, ficariam limitados a um número muito restrito de receptores.

MARTA VÁRZEAS

López Moreda, Santiago, *Hispania en los Humanistas Europeos. Detractores y defensores*, Madrid, Ediciones Clásicas, 2013, 240 pp. ISBN: 978-84-7882-763-3.

Autor de um estudo sobre as origens da designada ‘leyenda negra’, essa corrente de propaganda anti-castelhana que no séc. XVI dava expressão ao sentimento anti-espanhol apelidando este povo de opressor, incapaz de voos intelectuais e humanísticos, grosseiro e insensível, Santiago Lopez Moreda publica agora um estudo numa perspectiva mais abrangente. Provavelmente, conduzido pela pesquisa das razões daquela lenda, o autor trata agora o conceito que fazem da *Hispania* vários humanistas europeus. É aos italianos que dedica o primeiro capítulo em que trata as origens daquela reputação citando documentos de C. Agripa, L. Valla, Pontano, Minturno, entre outros. O segundo capítulo apresenta ao leitor as opiniões que têm da Espanha os humanistas que visitam ou permanecem na corte dos Reis Católicos e depois na corte de Carlos